

Movimento estudantil e lutas sociais na década de 60: a experiência do *Cordobazo* argentino (1969)

Gabriel Teles*

Resumo:

Este artigo analisa o enfrentamento estudantil no *Cordobazo* na Argentina, em maio de 1969, à luz das lutas sociais que eclodiram mundialmente no final da década de 60 no contexto de crise plantária de acumulação de capital. A análise do contexto social e político dos conflitos da década de 60 estará assentada na teoria dos regimes de acumulação, que traz um rico panorama da situação global do capitalismo e seus conflitos oriundos da luta de classes e grupos sociais. Já a interpretação dos acontecimentos estudantis na década de 60 estará estruturada em ampla bibliografia e documentos históricos sobre o tema (o *Cordobazo*) – produzidos pelos próprios estudantes argentinos e pela imprensa local da época.

Palavras-chave: *Cordobazo*; Argentino; Movimento Estudantil; América Latina.

The Student Movement and Social Struggles in the 60s: The Experience of the Argentine *Cordobazo* (1969)

Abstract:

This article analyzes the student movement in the Argentine *Cordobazo* of May 1969 in light of the social struggles that erupted worldwide in the late 60s in the context of a global crisis of capital accumulation. The analysis of the social and political context of the conflicts of the 60s is based on the theory of accumulation regimes, which offers a rich panorama of the global situation of capitalism and the conflicts stemming from class and social group struggles. The interpretation of the student events of the 60s is based on the large body of literature and historical documents on the *Cordobazo* produced by the students themselves and the local press of the time.

Keywords: *Cordobazo*; Argentina; student movement; Latin America.

Introdução

A década de 60 do século XX foi um momento histórico de profundas mudanças sociais, políticas e culturais, importantes para compreendermos as

* Doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, Brasil. Bolsista CNPq. O artigo é resultado da pesquisa realizada junto ao Núcleo de Estudos e Pesquisa em Movimentos Sociais (NEMO/UFG), à época no curso de mestrado (com bolsa Capes) do Programa de Sociologia da Universidade Federal de Goiás. End. eletrônico: teles.gabriel@gmail.com

transformações das diversas esferas das relações humanas e suas consequências para a sociedade capitalista contemporânea.

O grupo social privilegiado desses conflitos foi o dos estudantes, em seu setor mais organizado: *o movimento estudantil*. Em diversos países, esse movimento buscou radicalizar suas demandas, aprofundando o questionamento da sociedade em seus diversos domínios e articulando suas reivindicações com as mobilizações das classes trabalhadoras (especialmente o movimento operário). As lutas sociais na década de 60 configuraram-se como um momento de inflexão no interior das mobilizações estudantis em todo mundo (Groppo, 2005).

Na Argentina, a combatividade dos estudantes, no final da década de 60, ocorreu na cidade de Córdoba, local de uma vasta experiência de luta estudantil que remonta ao início do século XX, com a famosa Reforma Universitária de Córdoba¹ (Freitas Neto, 2011). *El Cordobazo*, nome dada à experiência de 1969, tornou-se símbolo de luta e enfrentamento à repressão da ditadura argentina de Onganía, iniciando sua derrocada do poder estatal.

Cordobazo representa mais do que o “simples” processo de recusa ao trato autoritário que a *Revolución Argentina*² impôs às universidades e ao espaço fabril. Tornou uma insurreição popular sem precedentes, colocando em cheque as políticas ditatoriais que assolavam os argentinos e o próprio funcionamento do Estado. O movimento estudantil contribuiu para tal levante, mas não foi o único nem o principal.

Este trabalho busca reconstituir historicamente a experiência de luta do *Cordobazo*, focalizando as principais contribuições do movimento estudantil. Inicialmente será apresentado o contexto da crise que a sociedade capitalista enfrentava no final de década de 1960 e seu impacto nas lutas sociais, especialmente no interior do movimento estudantil mundial. Posteriormente, será analisada a situação do capitalismo argentino e a experiência de luta do *Cordobazo*. Tal itinerário será fundamental para evidenciar as diferenças e semelhanças (especificidades) entre os conflitos estudantis deste importante período histórico.

Crise de acumulação de capital e lutas estudantis no final da década de 1960

A ideia de uma crise de acumulação pressupõe uma história e um desenvolvimento da própria dinâmica de acumulação de capital. A percepção de

¹ Tal reforma trouxe consequências basilares para a estruturação das universidades latino-americanas, moldando as reivindicações de grande parte das organizações mobilizadoras do movimento estudantil no século XX.

² A autodenominada ditadura cívico-militar argentina no período 1966-1973.

que o desenvolvimento da acumulação de capital é o próprio desenvolvimento histórico do modo de produção da sociedade capitalista é fundamental para se compreender a história do capitalismo e suas transformações.

Há várias formas de interpretação dessa história e transformações, como: a visão etapista e descritivista em Rostow (1974); o desenvolvimento dos sistemas econômicos em Lajugie (1974); ou a percepção do desenvolvimento das estruturas do modo de produção capitalista em Sweezy (1980). No entanto, as discussões da *escola francesa da regulação*, na década de 1970 (GAMBIO, 1996) sobre a teoria dos regimes de acumulação, parecem as mais adequadas para analisar o desenvolvimento capitalista e suas consequências para a luta de classes sociais.

O conceito de regime de acumulação aparece inicialmente na obra de Lipietz (1991), posteriormente desenvolvido e reinterpretado por diversas perspectivas (Benakouche, 1980; Harvey, 1992; Braga, 1997). A apreensão do conceito de regime de acumulação permite compreender, através da totalidade das relações sociais, a dinâmica da acumulação capitalista e sua dificuldade de se reproduzir, devido à tendência à queda da taxa de lucro médio e à luta de classes (Marx, 1988).

Os regimes de acumulação expressam a forma que o modo de produção capitalista assume durante o seu desenvolvimento, que pode ser modificado pelos conflitos sociais que permeiam o processo dinâmico da acumulação capitalista. Para Nildo Viana (Viana, 2009, p. 30), o regime de acumulação seria “um determinado estágio do desenvolvimento capitalista, marcado por determinada forma de organização de trabalho, determinada forma estatal e determinada forma de exploração internacional” – que remetem a uma correlação de forças entre as classes e demais grupos sociais de uma sociedade capitalista.

A intensificação da luta de classes e demais conflitos sociais no final dos anos 1960 foi sintoma da crise do capitalismo oligopolista transnacional, que se tornou hegemônico após a Segunda Grande Guerra. Trata-se da crise do regime de acumulação conjugado (Viana, 2009), também chamado de regime de acumulação fordista (Harvey, 1992).

Historicamente, a intensificação da luta de classes na produção, irradiada para a sociedade civil, correspondia aos últimos suspiros das determinações do regime de acumulação fordista, o Estado Integracionista (Estado de “bem-estar social”) e o imperialismo oligopolista transnacional. Com a crise desse regime de acumulação, entre a década de 60 e 70, os conflitos sociais suscitaram descontentamento e contestações em vários lugares do mundo.

Nesse contexto, localizam-se a Guerra do Vietnã; o acirramento dos conflitos raciais nos Estados Unidos (com a morte de um dos principais líderes negros norte-americanos, Martin Luther King, e a radicalização dos *Black Panthers*); a Re-

volução Cultural Chinesa; a Primavera de Praga na Tchecoslováquia; os diversos golpes militares nos países latino-americanos; e as mobilizações estudantis que se destacam mundialmente.

Em dezenas de países, os estudantes se rebelaram contra o sistema de ensino das escolas, liceus, universidades e se vinculando a outros grupos e classes sociais. Como exemplo, a rebelião estudantil-operária na França, em maio de 1968, com a ocupação generalizada de universidades e fábricas e os massivos protestos de rua encabeçados pelos estudantes (Beneton, 1970; Teles, 2018); a greve estudantil no México (Serra Padrós, 1998); as manifestações e protestos estudantis na Alemanha Ocidental (Haug, 1999); os embates do movimento estudantil no Brasil sob ditadura militar (Valle, 2018); a ocupação de universidades na Itália (Tarrow, 1989); a revolta estudantil e operária em Praga, na República Tcheca (Woods, 2018; VVAA, 1968); entre outras experiências.

Essa dinâmica conflituosa não foi sentida de forma uniforme, pois cada país foi acometido de maneira distinta e, conseqüentemente, a reação das classes e grupos sociais também não foi homogênea. Isto significa que as lutas sociais se intensificaram de modo específico em cada país. A Argentina que, na segunda metade da década de 60 sofria profundas modificações econômicas e políticas, também passava por uma crise que solapava os pouco direitos conquistados da classe operária e as conquistas das lutas estudantis que modificaram o espaço universitário argentino.

A questão é entender como esse processo se desenrolou na Argentina e qual foi a reação do movimento estudantil.

Argentina no final da década de 60: *A Revolución Argentina* de Onganía

Na divisão internacional do trabalho, a Argentina é como um país de capitalismo periférico. Em nível conceitual, trata-se da particularidade do capitalismo subordinado³ em que a sociedade argentina se insere, e a história do desenvolvimento das “relações econômicas” argentinas apresenta um caráter subordinado aos países de capitalismo imperialista. Essa característica é uma determinação fundamental, que trará conseqüências para as diversas esferas das relações sociais argentinas: forma estatal, economia, política, cultural, etc.

A dinâmica da produção econômica argentina não fugiu do papel subordinado dos demais países latino-americanos no interior da divisão social do

³ Não entraremos na discussão teórica acerca do capitalismo subordinado nos países de capitalismo “periférico”, que já é objeto de estudo de vários autores e diversas perspectivas, como a do caráter dependente do capitalismo latino-americano (Marini, 2000); as concepções sobre a dinâmica do imperialismo (Cohen, 1976) e o caráter da reação da troca desigual entre os países periféricos e centrais (Emmanuel, 1973).

trabalho: exportação de produtos do setor primário (especialmente agrícola), coexistindo com uma industrialização inicialmente voltada para as necessidades internas. Somente a partir da segunda metade do século XX, especialmente após o período peronista de 1946 a 1955 (caracterizado pela centralização política e nacionalização de diversos setores da economia), iniciou-se a grande inserção do capital estrangeiro e a desnacionalização da economia local.

No início da década de 60, uma grave crise política e econômica assolou a Argentina. No final do governo de Arturo Frondizi, em 1966, essa crise alcançou patamares críticos e resultou em uma virulenta intervenção militar:

Entre 1962 y 1963 la Argentina atraveso por uno de sus recurrentes momentos de recesion. Su detonante fue el habitual: deficit incontrolable en la balanza de pagos. La receta para conjurar la crisis no sali tampoco de los carriles comunes; se trato, otra vez, de estimular a la burguesia agraria pampeana a traves de una devaluaciol del peso, con el objeto de modificar a su favor la relacion de precios coIn la industria. En el plano de la politica tampoco se apreciaron modificaciones: la crisis economica arrastro a una crisis institucional y las Fuerzas Armadas decidieron el derrocamiento de Frondiz (Portantiero, 1977, p. 536).

A principal análise do significado político da ditadura militar, autointitulada *Revolucion Argentina* (1966-1973), é do cientista político Guillermo O'Donnell (2009), que caracteriza a ditadura instaurada em 66 como um “Estado Burocrático Autoritário” -que expressou os interesses de uma determinada fração da classe dominante: a “grande burguesia”. Assim, o golpe militar seria justificado pela pretensão de normalizar a dinâmica de acumulação de capital na Argentina, amalgamada na lógica *cortoplacista y de saqueo, própria de los países dependientes* (Baudino, 2012, p. 34).

Baudino considera que o conceito analítico de O'Donnell⁴ não consegue explicar a especificidade da ditadura militar argentina, pois ao assumir o poder em 1966, o governo de Onganía (primeiro militar a assumir o poder em 1966) não expressava apenas os interesses de uma fração da burguesia nacional, mas

⁴ “En primer lugar, dado que por su carácter y sus funciones como garante de la dominación social, todo Estado es autoritario. A su vez, en tanto su función es la de legislar y encauzar la forma que toma la dinámica social de modo que permita la reproducción del sistema, se sirve de todo un “aparato” administrativo, denominado burocracia. En todo caso, en períodos de crisis se instauran regímenes de tipo dictatoriales, en los que no cambia la esencia del Estado sino la forma política en la que se implementa la represión o el “autoritarismo” (de modo más abierto y violento que em los períodos democráticos) (Sartelli 1996). La exclusión política, la supresión de la ciudadanía y la democracia política, la relegación económica del sector popular y el cierre de canales de acceso al gobierno no constituyen características de un tipo de Estado particular, sino el contenido de un régimen político (la dictadura) específico en determinado momento histórico (Marx 1998, p.60-61) (Baudino, 2012, p. 32).

sintetizava as pretensões de seus vários setores. O que estava em jogo não eram apenas os interesses da “grande burguesia” do setor agroexportador, mas as próprias condições de reprodução de um capitalismo em profunda crise e a reorganização do bloco dominante. Trata-se, então, das primeiras fissuras no regime de acumulação conjugado no capitalismo subordinado argentino e a tentativa e reação do bloco dominante em retornar a normalidade na dinâmica de acumulação de capital.

Essa contextualização social, mesmo esquemática, é fundamental para a compreensão e análise dos conflitos do *Cordobazo*. A ditadura militar foi não apenas uma resposta às dificuldades da acumulação de capital, mas uma contrarrevolução preventiva, especialmente contra a classe operária que começava a sentir os efeitos da crise (perda de direitos, intensificação da exploração) e contra setores da sociedade civil, como o movimento estudantil. Criou-se um quadro de repressão preventiva: a ditadura militar dissolveu as assembleias legislativas nacionais e provinciais, proibiu a existência de partidos políticos, controlou as principais formas de organização dos trabalhadores (especialmente sindicatos), interveio nos meios de comunicação e nas universidades nacionais (Bra, 1985).

Cabe indagar qual foi a resposta do movimento estudantil à ditadura militar iniciada por Onganía em 1966⁵. Com menos de um mês de regime militar, Onganía interveio nas universidades, destituindo o modelo de cogestão universitária (com participação estudantil) e a autonomia dos departamentos (Buchbinder, 2005). O movimento estudantil tomou a dianteira e se tornou o primeiro movimento a resistir e enfrentar a repressão e a falta de liberdade no país e no espaço universitário argentino (Millán, 2013).

Ocorreram diversas mobilizações estudantis no território argentino, com manifestações de rua e ocupações ativas dos espaços universitários. Dois eventos expressaram a brutalidade da reação repressiva do governo: o primeiro em *Córdoba*, onde, depois de duas semanas de intensas agitações, a polícia assassinou, em meio a um protesto, o estudante católico Santiago Pampillón (Hurtado, 1998); e o segundo em Buenos Aires, no dia 29 de julho de 1966, quando os estudantes que ocupavam diversas faculdades da UBA foram duramente reprimidos, com mais de 400 detidos. Esse fato ficou conhecido como *La noche de los bastones largos* (Morero; Eideman; Lichtman, 2002).

Estes episódios contribuíram para a criação de uma unidade de oposição dos estudantes ao governo militar de Onganía. No início, apenas uma parcela do grupo estudantil se opunha ao regime, mas, a partir dos ataques às universidades

⁵ O foco desta pesquisa é a atuação e mobilização do movimento estudantil no *Cordobazo*. Assim, para aprofundamento da mobilização de outros grupos e classes sociais no interior desse conflito, cf. Brennan e Gordillo (1994), Califfa (2016) e Torre (1994).

e aos estudantes, essa oposição tornou-se consensual também entre professores, técnicos, pesquisadores e trabalhadores das universidades⁶.

Ainda na segunda metade do ano de 1966, com a grande repressão e o isolamento do movimento estudantil, as manifestações e ocupações começam a arrefecer e o movimento caiu em refluxo:

[...] la lucha estudiantil fue derrotada antes de fin del año 1966 e ingresó en un reflujo profundo que abarcó todo 1967 y parte de 1968. El principal factor explicativo de esta debilidad se debe al aislamiento. Sólo los estudiantes combativos están enfrentados a la dictadura. Existían bolsones aislados de resistencia como los azucareros tucumanos (Ramírez, 2008; Pucci, 2007) o los portuarios, pero no se había configurado un movimiento de resistencia más amplio en el cual el movimiento estudiantil pudiera contribuir y ser potenciado (Millán, 2013, p. 04).

Destaca-se que as poucas mobilizações operárias desse período foram organizadas por trabalhadores independentes de sindicatos ou de pequenos sindicatos independentes, já que o grande movimento sindical, hegemonizado pelo peronismo, mantinha uma relação ambígua com o governo militar (o Ministro do Trabalho era peronista).

Com o refluxo e derrota do movimento estudantil, o governo conseguiu aplicar todas as medidas de controle do espaço que este ocupava. No final de 1968 (especialmente com o 50º aniversário da Reforma de 1918), houve uma recomposição do movimento, que só ressurgiu com força em 1969, com a experiência do *Cordobazo*.

***Cordobazo* e o movimento estudantil**

O *Cordobazo* pode ser caracterizado como uma rebelião popular, inicialmente mobilizada por trabalhadores e estudantes, com caráter insurrecional ante as políticas repressivas do governo militar. Inicialmente, deve-se observar que o principal grupo mobilizado e grande detonador de tal rebelião foi, sem dúvida, o movimento operário.

Apesar do refluxo e de grande parte das organizações representativas dos trabalhadores (união operária, sindicatos, etc.) não enfrentarem o governo militar, alguns sindicatos independentes, especialmente ligados à ala combativa da CGT (*Confederación General del Trabajo de la República Argentina*)⁷, começaram a se mobilizar em meados de 1968:

⁶ Essa unidade foi importante para a combatividade estudantil posterior.

⁷ A CGT-A surge como um racha no interior do CGT devido a inoperância e a falta de ação das burocracias sindicais, hegemonizado pelo peronismo, ante ao governo de Onganía.

Estas fracturas en el movimiento obrero eran el producto de la derrota frente a la dictadura y de su procesamiento. Mientras que existía una fracción que participaba del gobierno y le aportaba ministros y secretarios (Rubens San Sebastián, Alonso), también hacia 1968 existían dos corrientes opositoras: una centrada en golpear para negociar (Vandor) y otra en establecer una corriente política opositora (Ongaro). Hacia fines de junio de 1968 la corriente ongarista (CGT A) lanzó su primer paro nacional, para lo que contó con gran apoyo estudiantil, no sólo en adhiriendo a la medida y vaciando las universidades, sino también movilizándose y engrosando las columnas de la fracción obrera menos numerosa. Esta unidad continuaba aquella producida por el 50 aniversario de la reforma, también en junio de aquel año. Este inicio de una reactivación del movimiento obrero por medio de las dos corrientes opositoras, y en el caso de la CGT A, con una vertiente que se relacionaba muy concretamente con el acontecer estudiantil, llegando a realizar gran cantidad de actividades en solidaridad con los estudiantes, profundizó la radicalización estudiantil ya en curso y tendió un puente de experiencias entre ambos sectores y sus respectivos campos de aliados, abriendo un abanico heterogéneo pero real, que iba de Vandor al Colegio de Odontólogos de Rosario (Millán, 2013, p. 01).

A relação entre movimento operário e movimento estudantil, desde o início foi de solidariedade e de ações conjuntas e, por isso, a aliança operária-estudantil foi um elemento fundamental no *Cordobazo*.

O estopim para o início do *Cordobazo* pode ser evidenciado a partir de três acontecimentos dramáticos no mês de maio de 1969. O primeiro foi a lei 18.204 de 12 de maio, que estabelecia o sábado inglês para os trabalhadores no território argentino com uma jornada de trabalho de 48 horas. Em Córdoba, a jornada de trabalho era de 44 horas, o que significava um aumento de 10% no tempo de trabalho (4 horas) para os trabalhadores. Tal aumento produziu um massivo e generalizado descontentamento entre os operários cordobeses, iniciando-se uma série de greves, assembleias e mobilizações que, posteriormente, contribuiriam para o desencadeamento da insurreição do *Cordobazo* no dia 29 de maio.

O segundo acontecimento também no seio do movimento operário, especificamente no setor metalúrgico, foi o conflito em torno das chamadas *quitas zonales*⁸, que achatava o salário dos trabalhadores em acordos que só favoreciam a fração industrial da burguesia argentina.

O terceiro acontecimento, mais ligado ao movimento estudantil, ocorreu em outra cidade argentina. No dia 15 de maio, em protesto contra a dissolução

⁸ "En el Derecho Laboral argentino denomíname así los descuentos variables practicados sobre las remuneraciones que perciben los trabajadores atendiendo al tipo de las actividades desarrolladas y el lugar donde se contrata la mano de obra" (Sagli, 2017, s/p).

dos centros acadêmicos (*centros de estudiantes*) e o anúncio de aumento de 500% do preço das refeições do restaurante universitário (*comedor univestario*), os estudantes da cidade de Corrientes tomam as ruas e ocupam a Universidad Nacional del Nordeste (UNNE). O resultado foi uma grande repressão que resultou na morte do estudante Juan José Cabral. No dia seguinte, em solidariedade à luta estudantil de Corrientes e em repúdio a morte de Cabral, os estudantes de Rosário também tomam as ruas. O resultado da repressão foi o assassinato de outro estudante, Luis Norberto Blanco, pelas forças policiais e do exército. As rebeliões estudantis dessas cidades ficaram conhecidas, respectivamente, como *Correntinazo* e *Rosariazo* e inauguram uma generalizada mobilização de estudante em toda a Argentina, inclusive em Córdoba, que em 23 de maio realizou uma greve estudantil, também violentamente reprimida.

Esses três acontecimentos foram cruciais para criar um contexto de descontentamento dos trabalhadores e dos estudantes, pavimentando o longo caminho até o *Cordobazo*:

Los acontecimientos que se desataron en Corrientes y prosiguieron en Rosario en las dos primeras semanas de mayo, constituyeron el detonante de la movilización estudiantil en Córdoba. Junco con las muertes de Cabral y Bello, que supusieron una carga emocional que difícilmente pueda ser sobrevalorada, el marco de los conflictos obreros locales contribuyó a que el clima social y político de la ciudad se mostrara muy tenso (Crespo; Alzogaray, 1994, p. 81).

No contexto de um indicativo de greve geral organizado pela CGT para o dia 30 de maio em toda a Argentina, diversos sindicatos, trabalhadores independentes e associações operárias em Córdoba decidiram, no dia anterior, iniciar uma greve e ocupação ativa das fábricas e diversos protestos e marchas rumo à região central da cidade, ao meio dia. Entre os estudantes, também foi decidido, em assembleia com mais de dez mil estudantes, a ocupação de faculdades e a marcha conjunta com os trabalhadores.

O movimento estudantil cordobês, nesse momento, já se encontrava em uma importante articulação de suas diversas tendências, sobrepassando suas diferenças políticas (leninistas, peronistas radicais, católicos, independentes, anarquistas, etc.) a partir de uma forte consciência “antiditatorial”. Por esse ângulo, o anti-autoritarismo foi um elemento importante no processo de organização do movimento estudantil, refletindo em sua própria estrutura:

Así surge el rasgo más peculiar de la organización del '69: la representación inmediata, revocable y directa de los delegados por curso que sólo podían expresar, en las asambleas generales, los mandatos acordados por sus compañeros sin poder introducir acotaciones políticas partidarias o de tendencias, que pudieran ser ubicadas como un particularismo proveniente del exterior del propio mo-

vimiento. Esta forma de democracia directa dio motivo al surgimiento de una dirección integrada por cuadros surgidos casi espontáneamente de la base que abrió las Puertas a una nueva generación de activistas y a un campo propicio luego del Cordobazo para su reclutamiento por parte de las organizaciones políticas estudiantiles o extraestudiantiles que se proclamaban como continuadoras de la rebelión de mayo. Este componente básico de democracia extrema es el rasgo distintivo del movimiento estudiantil en las dos semanas deliberativas previas al 29 de mayo (Crespo; Alzogaray, 1994, p. 82-83).

Na manhã do dia 29 de maio de 1969, os trabalhadores e estudantes ocuparam seus locais de trabalho e estudo e começam a se concentrarem para marchar até o centro da cidade. Duas grandes colunas de protestos se formaram ao norte e sul da cidade de Córdoba, para se unir no centro da cidade, em uma das principais praças da cidade, Vélez Sarsfield. Este foi o primeiro momento do *Cordobaz*:

Las cronologías del Cordobazo suelen distinguir tres momentos del desarrollo de los acontecimientos. El primero, que comienza en la mañana del 29 de mayo, en el que se asiste al avance de las varias columnas de manifestantes hacia el centro de la ciudad, siguiendo las rutas trazadas por los organizadores de la movilización. El segundo momento, se inicia sobre el mediodía y es singularizado por las primeras escaramuzas con la policía; luego, la muerte del obrero Máximo Mena precipita los combates callejeros, que son el prólogo de la retirada de la policía y del despliegue, ya sin orden alguno, de la protesta que convierte el centro de la ciudad en zona de ocupación de los manifestantes. Finalmente, hay un tercer momento, que lo abre hacia las cinco de la tarde la entrada de las tropas del ejército; en su marcha por las calles de la ciudad poco a poco desiertas, las tropas van convergiendo sobre el Barrio Clínicas, adonde se ha replegado la resistencia y allí prosiguen los enfrentamientos, con disparos desde ambos lados, hasta la mañana del 30 de mayo; para entonces, no obstante algunos incidentes aislados, el orden en la ciudad ha sido restablecido y se comienzan a contar los muertos, a evaluar los destrozos materiales, a llenar las cárceles de detenidos (Torre, 1994, p. 15).

O segundo momento, informa Torre, refere-se ao início do enfrentamento entre a repressão policial e os protestantes. Apesar da ampla repressão, os protestantes estavam preparados para o enfrentamento, armando barricadas, táticas de guerrilha, pedras, etc. Dessa forma, trabalhadores e estudantes conseguiram furar o bloqueio da repressão e avançar rumo ao centro da cidade. Na coluna sul, às 12:30h, a cavalaria começou a utilizar munição letal e acabou produzindo a primeira vítima fatal (Máxima Mena).

O assassinato provocou uma rápida reação em cadeia e a revolta da população em geral, que começou a engrossar o protesto dos estudantes e trabalhadores:

de 15 mil protestantes, subiu para 30 mil indivíduos nas ruas. Em menos de duas horas de enfrentamento, a polícia local ficou sem munição para reprimir e sem combustível para seus veículos, já que o depósito policial ficava em um bairro já controlado pelos estudantes. Assim, a polícia se refugiou em uma pequena cidade de Cabildo, isolada e sem a possibilidade de reação. Nesse momento, a cidade já estava completamente tomada pelos manifestantes, que já somavam mais de 50 mil pessoas. Muitas delegacias foram destruídas, as principais lojas norte-americanas e francesas (símbolos do imperialismo em território argentino) foram queimadas, como a Xerox e Citroen, e os tradicionais espaços da elite cordobesa foram ocupadas. Com a dinâmica do governo municipal neutralizada, o interventor da cidade pediu auxílio ao Exército, que chegou apenas às 17 horas, iniciando o terceiro momento da experiência do *Cordobazo*.

Com a iminência da chegada do exército, os manifestantes desocuparam o centro da cidade e prepararam barricadas nos bairros periféricos, especialmente no *Clínicas*, principal região estudantil da cidade. A ideia não era enfrentar o exército, mas organizar uma ampla autodefesa contra uma indiscriminada repressão:

A mitad de la tarde son numerosos los trabajadores que emprenden el regreso a los suburbios donde residen, los vecinos ahora cierran sus puertas. Con la entrada de las tropas del ejército a la ciudad, el perfil de los que están en las calles es cada vez más estudiantil, aunque son muchos los obreros que se demoran en ellas. El epicentro del tercer momento del Cordobazo estará en el Barrio Clínicas, un área de residencia con alta densidad de estudiantes, los cuales levantarán allí, rodeados de militantes obreros y vecinos del lugar, el último bastión de la protesta (Torres, 1994, p. 16).

Com a chegada do exército, foi dado um toque de recolher para a população, o que acontece parcialmente, já que em alguns bairros os protestantes ainda resistiam. Aos poucos, ao longo da noite, o exército foi desocupando grande parte dos bairros, reprimindo com munição letal as poucas resistências ainda remanescentes, invadindo sindicatos, centros acadêmicos, comitês de fábrica e prendendo seus principais representantes, líderes, etc. O último lugar a resistir foi o bairro de *Clínicas*, desocupado somente na noite do dia 30 de maio. Apenas no dia 31, dois dias depois do início da rebelião popular, a cidade começou a retomar ao cotidiano e a fazer de um balanço sobre o acontecido. Segundo os dados oficiais houve 16 mortos, 400 feridos (alguns gravemente) e mais de 2000 detidos. No entanto, os manifestantes alegaram que o saldo real foi o assassinato de mais de 50 protestantes.

Esses três momentos sintetizam o caráter insurrecional da experiência do *Cordobazo*. Este evento, que inicialmente serviria como um protesto ante a retirada de alguns direitos trabalhistas e da repressão ao movimento estudantil em outras

regiões da Argentina, extravasou sua própria organização, abrindo a janela para uma verdadeira rebelião popular, expulsando o aparato estatal e a polícia por todo o dia 29 de maio. Esta experiência deu início à derrubada da ditadura da *Revolucion Argentina*, com a generalização dos conflitos sociais em outras cidades da Argentina, com os *ciclos de azos*⁹, também chamados de *pueblada*, que começaram em 1969 e foram até 1972 (Ramírez, 2009).

Considerando-se as consequências para o movimento estudantil argentino, o Cordobazo contribuiu para o exponencial aumento das tendências gremiais e acadêmicas combativas do bloco reformista e (mesmo em menor número) do bloco revolucionário. Tal combatividade e ação política perduraram após a queda do governo militar em 1972, estendeu-se durante o governo peronista¹⁰ e, sem dúvida, foi uma das principais determinações para uma nova ditadura militar, em 1976.

Considerações finais

Este texto buscou reconstituir os elementos básicos e fundantes da experiência que ficou conhecida como *Cordobazo* no final de maio de 1969, na Argentina. Experiência de luta e resistência, inseriu-se nos conflitos estudantis no final da década de 60 e possuiu diversos elementos comuns a outras experiências da mesma época. A aliança operária-estudantil, o golpeamento da autonomia universitária, os cortes nos investimentos na educação, permearam as lutas estudantis que pipocaram no mundo no mesmo período. No entanto, essas semelhanças não podem ofuscar suas especificidades oriundas do contexto social latino-americano e da própria sociedade argentina em suas respectivas dinâmicas de luta de classes e de grupos sociais.

A compreensão desses conflitos sociais à luz da teoria dos regimes de acumulação enfatiza a dinâmica do desenvolvimento histórico da sociedade capitalista no geral, sem deixar de lado as particularidades das relações sociais concretas analisadas. Portanto, somente situando a crise do capitalismo na era de acumu-

⁹ Apesar do primeiro conflito do ciclo de azo ocorrer na cidade de Corrientes, foi só a partir do Córdoba que se generalizar para o restante do país. Em ordem cronológica: *Correntinazo* (maio de 1969); *Primer Rosarizazo* (maio de 1969); *Salteñazo* (maio de 1969); *Primer Cordobazo* (maio de 1969); *Primer Tucumanazo* (maio de 1969); *Segundo Rosarizazo* (setembro de 1969); *Choconazo* (fevereiro/março 1970); *Segundo Tucumanazo* (novembro de 1970); *Catamarqueñazo* (novembro de 1970); *Segundo Cordobazo o Viborazo* (março de 1971); *Casildazo* (março de 1971); *Jujeñazo* (abril de 1971); *Rawsonazo* (março de 1972); *Mendozazo* (abril de 1972); *Tercer Tucumanazo o Quintazo* (junho de 1972); *Rocazo* (julho de 1972); *Animanazo* (julho de 1972); *Trelewazo* (outubro de 1972).

¹⁰ Após a queda dos militares da *Revolucion Argentina*, Juan Domingo Perón voltou ao poder pela terceira vez. Após sua morte, ainda na vigência de seu mandato, assumiu a sua mulher, Isabel Perón, logo afastada do poder por um novo golpe militar em 1976.

lação conjugada/fordista é possível apreender a intensificação da luta de classes e conflitos que mobilizam os movimentos sociais, nacional ou mundialmente.

Referências

- BAUDINO, Verónica. Burguesía nacional y Estado: la acción política de la Unión Industrial Argentina durante la Revolución Argentina (1966-1969). Polis, *Revista de la Universidad Bolivariana*, vol. 11, n. 32, p. 33-54, 2012.
- BENAKOUCHE, Rabah. *Acumulação mundial e dependência*. Petrópolis, Vozes, 1980.
- BENETON Philippe; TOUCHARD, Jean. Les interprétations de la crise de mai-juin 1968. *Revue française de Science Politique*, 20^o année, n. 3, p. 503-544, 1970.
- BRA, G. El gobierno de Onganía. *Ceal*, Buenos Aires, p. 9-24. 1985.
- BRAGA, Ruy. *A restauração do capital*. Um estudo sobre a crise contemporânea. São Paulo: Xamã, 1997.
- BUCHBINDER, Pablo. *Historia de las universidades en la Argentina*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2005.
- COHEN, Benjamin. *A Questão do Imperialismo*. A economia política da dominação e dependência. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- CRESPO, Horacio; ALZOGARAY, Dardo. Los estudiantes en el Mayo cordobés. *Estudios digital*, n. 4, p. 75-90, 2016. Disponível em: <<https://revistas.unc.edu.ar/index.php/restudios/article/view/14306>>. Acesso em 20 ago. 2018.
- EMANNUEL, Arghiri. *A troca desigual*. vol. 2. Lisboa: Estampa, 1973.
- FREITAS NETO, José Alves de. A reforma universitária de Córdoba (1918): um manifesto por uma universidade latino-americana. *Revista Ensino Superior Unicamp*, ed. 3, p. 62-70, 2011.
- GAMBINO, Ferruccio. A Critique of the Fordism of the Regulation School. *Zirkular*, n. 28/29, p. 139-160, 1996. (german edition). Disponível em: <http://www.wildcat-www.de/en/zirkular/28/z28e_gam.htm>. Acesso em 20 ago. 2018.
- GROPPO, Luis Antônio. *A questão universitária e o movimento estudantil no Brasil nos anos 1960*. Piracicaba: Impulso, 2005.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- HAUG, Wolfgang Haug. 1968 na Alemanha. In: GARCIA, Marco Aurélio; VIEIRA, Maria Alice (orgs.). *Rebeldes e contestadores: 1968 Brasil, França e Alemanha*. São Paulo: Perseu Abramo, 1999.

- HURTADO, Gustavo. *Estudiantes: reforma y revolución*. Buenos Aires: Cartago, 1988.
- LAJUGIE, Joseph. *Os sistemas econômicos*. São Paulo: Difel, 1985.
- LIPIETZ, Alan. *Audácia: uma alternativa para o Século 21*. São Paulo: Nobel, 1991.
- MARINI, Ruy Mauro. *Dialética da dependência*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MARX, Karl. *O Capital*. 5 vols. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- MILLÁN, Mariano. *El movimiento estudiantil cordobés*. Del Cordobazo a la primavera camporista (mayo de 1969 x mayo de 1973). X Jornadas de Sociología. Buenos Aires: Lugar, 2013.
- MORERO, Sergio; EIDELMAN, Ariel; LICHTMAN, Guido. *La noche de los bastones largos*. Nuevohacer Grupo Editor Latinoamericana, 2002.
- O'DONNELL, Guillermo. *El Estado burocrático autoritario*. Buenos Aires: Prometeo, 2009.
- PORTANTIERO, J. Economía y política en la crisis argentina: 1958-1973. *Revista Mexicana de Sociología*, vol. 39, n. 2, p. 531, 1977.
- RAMÍREZ, Ana Julia. Campos de protesta, acción colectiva y radicalización política. Un estudio sobre las puebladas en los setenta. *III Jornada Académica Partidos Armados en la Argentina de los Setenta*. Universidad Nacional de San Martín. Abril de 2009. Disponível em: <http://www.unsam.edu.ar/escuelas/politica/centro_historia_politica/pdf/campos.pdf>. Acesso em 20 ago. 2018.
- ROSTOW, W.W. *Etapas do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- SAGLI, Antonio. *Quitas Zonales*. *Enciclopedia Jurídica Online Gratuita y Libre* 2017. Disponível em: <<https://argentina.leyderecho.org/quitas-zonales/>>. Acesso em 20 ago. 2018.
- SERRA PADRÓS, Enrique. De Berkeley a Tlatelolco: o 68 nas Américas. In: PONGE, Robert (org.). *1968, o ano das muitas primaveras*. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura Municipal, p. 69-80, 1998.
- SWEEZY, Paul. *Teoria do desenvolvimento capitalista*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- TARROW, Sidney. *Democracy and Disorder: Protests and Politics in Italy, 1965-1975*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- TELES, Gabriel. Enfrentamento e recusa do fenômeno burocrático no Maio de 68. *Revista Movimentação*, Dourados, vol. 5, n. 9, p. 01-26, 2018. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/movimentacao/article/view/7688/4763>. Acesso em 20 abr. 2019.

- TORRE, Juan Carlos. A partir del Cordobazo. *Estudios digital*, [S.l.], n. 4, p. 15-24, 2016. Disponível em: <<https://revistas.unc.edu.ar/index.php/restudios/article/view/14299>>. Acesso em 20 ago. 2018.
- VALLE, Maria Ribeiro. *1968: o diálogo é a violência - Movimento Estudantil e Ditadura Militar no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.
- VIANA, Nildo. *O capitalismo na era da acumulação integral*. São Paulo: Ideias & Letras, 2009.
- VVAA. *Los acontecimientos em Checoslovaquia*. Moscou: Grupo de Prensa URSS, 1968.
- WALTER, G. O que queriam os tchecos. In: DESGRAUPES, P.; DUMAYET, P. (coords.). *Praga: quando os tanques avançam*. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, p. 87-118, 1968.
- WOODS, A. Tchecoslováquia 1968: a Primavera dos povos. *Revista América Socialista*, n.12. São Paulo, p. 4-16, 2018.